

OS MÉDICOS NO TEATRO VICENTINO

por
EGAS MONIZ

Conferência recitada pelo autor na Sessão solene da Academia
das Ciências de Lisboa na noite de 8 de Março de 1937



**Separata da
Imprensa Médica
Ano III. N.º 8. 1937.**

A Medicina anda, de há muito, aliada às letras e, particularmente, ao teatro. Pelo palco têm passado os grandes torturados do espírito e das misérias físicas, máscaras deambulantes do sofrimento à luz da ribalta. Há arroubos literários que ultrapassam a observação objectiva, e meticulosa do médico; mas a cena consegue projectar o fundo mórbido em aspectos psicológicos compreensíveis.

Na tragédia grega, os autores, presos às leis aristotélicas que divinizaram a tragédia, fugiam de apresentar no tablado aquêles que ali não tinham o direito de sofrer. Só raríssimas vezes ousaram infringir a «lei de majestade», como se chamou ao preceito do fundador da escola peripatética.

No teatro ocidental foi a doença de há muito explorada.. Desde Shakespeare, a mais alta expressão do génio criador de tipos psicóticos, até Ibsen, o moderno modelador dos grandes degenerados, nimbados pelo simbolismo, vê-se desfilar a gama dolorosa das enfermidades mentais. E sob o seu influxo souberam despertar as grandes emoções!

Na obra de Shakespeare o ciúme delirante de Otelo impressiona pelo assassinato de Desdémona; a loucura senil do rei Lear prende pela ternura filial de Cordélia; a psicose alucinatória de Hamlet domina pela idéia persistente e obsediante da vingança, indiferente à candura e à dedicação de Ofélia; a loucura de Lady Macbeth mostra uma patogenia psíquica torturante. Ninguém como Shakespeare soube sintetizar tipos mórbidos que, só muitos anos depois, foram estudados, em pormenor, no campo psiquiátrico.

A hereditariedade mórbida, o simbólico pecado original, que pesa sobre a humanidade sofredora, tem merecido particular atenção aos dramaturgos. Ibsen, entre outros, marca os estigmas hereditários e vinca-os de maneira surpreendente numa das suas obras primas.

No período do romantismo, a doença espalhou-se pelo palco. A tuberculose pulmonar, em especial, fez larga carreira. Pálidas e definhadas donzelas morreram muitas vezes em cena, tossindo e amando.

No teatro português moderno não abundam, todavia, as exibições mórbidas. Que nos lembre, apenas D. João da Câmara apresenta a epilética Sancha Mocho no *Alcacer Kibir*, o hemiplégico Brás dos Cães no *Afonso VI*, uma histérica na protagonista do *Pântano*.

Júlio Dantas não esqueceu que era médico através da sua brilhante carreira literária e assim mostra-nos, em flagrante verdade sintomatológica,

um leproso, Pero Gafo, em *O que morreu d'amor*, um coreico, o San Vito, no *Viriato Trágico*, um epiléptico degenerado, com estigmas somáticos, o Custódia, na *Severa*, um cego heredô luético no *Paço de Veiros* e um degenerado alcoólico, o Crisostomo, nos *Crucificados*.

Na obra de Gil Vicente é vasta a enumeração das enfermidades, ao tempo conhecidas. Ricardo Jorge, o primeiro esquadrinhador do seu teatro em relação à medicina, enumera: tinha, sarna, gafeira, peste, tramas (bubões), tísica, pleuriz, variadas febres; entre as quais nomeia as sessões ou maleitas. Falando da gota, judiciosamente a relaciona com as cólicas nefríticas.

São curiosas algumas das figuras mórbidas que Gil Vicente exibiu e nomeadamente as possessões diabólicas e de almas do outro mundo, espécie macabra que a gente rústica de hoje ainda aceita e cultiva. E a aliança da doença com o misterioso que perdura sob múltiplos e variados aspectos.

No *Auto de Cananea*, que Gil Vicente compôs a «rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abadessa do muito louvado e santo convento do mosteiro de Odivelas», aparecem possessões diabólicas:

Senhor, filho de David,
Amercea-te de mi.
Que minha filha é tentada

D'espritos que não tem cabo,
E minha casa assombrada;
Minha câmara pintada
De figuras do Diabo.

E a descrição da filha em crise é quadro que, reduzido a tela, poderia figurar ao lado dos que existem no gabinete histórico da Salpêtrière, onde Charcot perorou sobre a histeria.

Tem os seus braços torcidos,
Os olhos encarniçados,
Os cabelos desgrenhados;
Seus membros amortecidos;
Dá gritos, faz alaridos...

Na farça *Clérigo da Beira*, representada no tempo do «christianissimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, era do Senhor de 1526», Gil Vicente refere-se às almas do outro mundo emigradas do Além e albergadas nos corpos de alguns desventurados. Faremos notar que nêsse Auto não só é maltratado o clero, como é de hábito do autor, mas até a própria vida da côrte.

Diz o clérigo, a propósito de seu filho Francisco

Medraria êste rapaz
Na côrte, mais que ninguem ;
Porque lá não fazem bem,
Senão a quem menos faz.

Mas a farça do *Clérigo da Beira* oferece para nós interêsse maior pela apresentação de uma: tal Cezília em que fala o espírito de Pero Anes. Diz a velha:

Quando vi tamanha aquela,
Trago esta demoninhada
A Cezilia nomeada.
Fala Pedreanes nella,
E descobrirá a cilada.

E o espírito invocado deslinda a meada do roubo o profetiza outras e variadas coisas. Êle o diz:

E pola filosomia
Sei todolos pensamentos
Que trazem na fantasia.

As feiticeiras não podiam deixar de aparecer na obra do mais popular dos nossos poetas. Lá vêm com as suas orações e mèzinhas terapêuticas.
É do *Auto das Fadas*:

Eu sam Genebra Pereira,
Que moro ali á Pedreira,
Vesinha de João de Tara.
Solteira, já velha amara,
Sem marido e sem nobreza;
Fui criada em gentileza
Dentro nas tripas do Paço;
E por feitiços qu'eu faço,
Dizem que sam feiticeira.

E Genebra Pereira continua a contar os seus feitos em linguagem desenfastiada e mordaz

Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a Val de Cavalinhos,
E ando quebrando os facinhos
Por aquelas oliveiras,
Chamando frades e freiras
Que morrêrão por amores

.....
Sempre ando neste marteiro:
Vem-se a mi homem solteiro,
Que quer casar com Costança,
Sem nenhuma esperança,
Triste, morto de paixão.
Eu co'o sangue do Leão,
Mexido co'o rabo de Huja
E alli o fel da coruja,
Ei-lo mancebo aviado.
Vem um frade excomungado,
Que o benza do quebranto;
Vou e faço-lhe outro tanto.

E como exemplo de mèzinha mais completa, vale a pena recordar, com parte de oração, aquela que a feiticeira aconselha:

Gato negro, negro é o gato;
Bode negro anda no mato,
Negro é o corvo e negro é o pez,
Negro é o rei do enxadrez,

Negra é a vira do sapato,
Negro é o saco que eu desato.

Isto é fersura de sapo,
Que está nêste guardanapo.
Eis aqui mama de porca,
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excomungado,
Seixinhos do pé da forca:

E segue a lista das invocações misteriosas e de
drogas inverosímeis:

Bico de pêgo, aza de morcego,
Bafo de drago, tudo vos trago.

Ainda no campo médico é digna de registo a
Comédia de Rubena que marca no âmbito da obstetrícia. A comédia foi «feita ao muito poderoso e nobre Rei D. João III; sendo Príncipe».

Rubena enamorou-se de um clérigo moço e apareceu pejada. Lastima-se da sua sorte em versos de um lirismo simples e impressionante:

Ay de mi, de mi robada,
Y no de otros robadores!
Ai de mi desventurada!
Ay! que no puedo, coitada,
Decir ay! . . . à mis dolores!

Ay! que no oso quejar!
Ay! que no oso decir!

Ay! que no oso querellar!
Ni me puedo ya vingar
Del consentir!

Qh triste de mi Rubena!
¿A quien me descubriré?
A quien contaré mi pena?
Como porné en mano agena
Mi vida, mi honra e mi fé?

Deixemo-la agora entregue aos cuidados da parteira que, na hora suprema lhe recomenda:

Mordei neste maçapão;
Esforçai, rosa florida.
Dizei tres vezes passinho:
O verbo caro fato é!
Dou-vos a San Sadorninho.
Saia cá o cordeirinho,
O cóneguinho da Sé.

E seguem os conselhos para que não falte a intervenção da musculatura voluntária, focando com côres vivas; de um notável realismo, o transe doloroso.

Gil Vicente estava doente quando D. João III lhe encomendou a trogicomédia *Templo de Apollo*, representada em 1526, na partida de D. Izabel, filha de El-Rei D. Manuel, para Castela, onde veio a ser a Imperatriz, esposa de Carlos V.

Gil Vicente apresenta-se no prólogo a desculpar a imperfeição da obra para tão alta festa, dizendo:

Teniendo febre continua
Aquestos dias pasados,
La muerte funesta á mis lados,
Diciendo-me - *aína, aína!*
Que tus dias son llegados!
E tomado así entre puertas,
Me perció que moria...

Gil Vicente fez o auto-diagnóstico de «febre continua» e acentuou que foi acompanhada de delírio:

Y con la gran callentura
Tan recio devaneaba,
Que las vi de esta hechura
La hermosa Eva hacia
Unas migas para Adan,
sin agua, ni sal, ni pan,
La nieve ge las cosia,
Y meííalas Roldan.

E termina assim o prólogo:

Dice todo en castellano,
El spirito mio ausente;
Y pues la obra es doliente.
Válgame el deseo sano
Que estuvo siempre presente.

Os médicos, mais do que propriamente a medicina, andam nas críticas aceradas dos comediógrafos. A ciência também é arrastada e ridicularizada, mas os seus cultores são-no bem mais severamente.

Não foi apenas Gil Vicente que trouxe, em Portugal, os físicos ao tablado no século XVI; outros o fizeram e, entre êstes, citaremos o *Auto do Físico* de Jerónimo Ribeiro, publicado em 1587, e tirado do esquecimento pelo ilustre académico Esteves Pereira, que o fez reimprimir em 1918.

O físico deste Auto não anda aos baldões das troças no desenrolar das cenas; passa discretamente, por entre os dizeres dos jograis do amor.

Êste Auto, que lembra a comédia «Os Anfitriões» de Luís de Camões, é contudo mais humano, perfeitamente verosímil. Tem a grande qualidade de nos pôr em contacto com os hábitos e costumes da vida burguesa lisboeta de meados do século XVI. Assim, entre os comparsas figuram os *matantes*, antepassados dos fadistas de ontem, tipos populares das ruas de Lisboa, de profissão incerta, desordeiros e freqüentadores das casas das bonejas de Alfama e conquistadores das moças servidoras das casas abastadas.

O nosso imortal épico também não esqueceu os médicos na preciosa comédia *El-Rei Seleuco*, que Júlio Dantas adaptou ao teatro moderno com meticoloso cuidado e acendrado respeito pela obra

original. Luís de Camões utiliza o seu físico como elemento fundamental no enredo da peça, apenas roçando, com ligeira ironia, pela medicina da época.

Quando se fala dos sarcasmos de que os físicos e os médicos, seus sucessores, tem sido vítimas, ocorre, acima de todos, o nome de Molière que, no século XVII, fez rir a França e depois o mundo inteiro com a divulgação da sua obra e muito particularmente à custa dos desditosos médicos que êle se comprazia em juntar para discutirem em cena.

Gil Vicente, antecessor de Molière nas críticas mordazes de costumes e pessoas do seu tempo, atinge, de preferência, frades e clérigos, relegando os físicos para um segundo plano.

A razão desta diversidade de procedimento está provavelmente em que Gil Vicente gosou de boa saúde durante longos anos, ao passo que Molière arrastou sempre uma existência precária, que os médicos do seu tempo não conseguiram melhorar definitivamente. Daí a sua vingança, grande na sua Arte, mas deficiente nas suas consequências. Quando o maior comediógrafo da França piorava, socorria-se sempre das suas vítimas do tablado!

Dos autores modernos que têm atingido os médicos, não podemos esquecer o nome de Jules Romaius que, na comédia *Knock*, faz a mais severa e espirituosa crítica da medicina de hoje.

Mas falemos de Gil Vicente e do *Auto dos Físicos*. Não sabemos, ao certo, quando êle foi representado na cate, mas êste ponto controverso tem secundária importância.

Alguns dos Autos de Gil Vicente foram publicados *pelo miudo*, isto é, em folhetos separados.

Assim sucedeu com o Auto da *Barca do Inferno*, de que existe um exemplar na Biblioteca Nacional de Madrid. Mas, se a maior parte dos Autos e outras obras de Gil Vicente lograssem ter sido publicados desta forma, alguns exemplares deveriam ter escapado à acção destruidora do tempo, atendendo ao alto apreço em que era tida a obra do fundador do teatro português.

Em 1551, anos depois da morte de Gil Vicente, foi pela primeira vez publicado o «Rol dos livros defesos por o Cardeal Infante, Inquisidor Geral nestes reinos».

A folhas 11 dêste rol se enumeram doze obras merecedoras de condenação incondicional ou condicional. Entre elas figuram 7 autos de Gil Vicente e, entre êstes, o *Auto dos Físicos*. Foram também proibidos de circular o *Auto do Jubileu de Amores* e o *Auto da Lusitania*, ambos representados por Gil Vicente em Bruxelas, nas esplendorosas festas que ali deu o Embaixador português D. Pedro Mascarenhas comemorando o nascimento do Príncipe D. Manuel. O *Auto da Lusitania* podia correr impresso, segundo o veredictum da Inquisição, desde que lhe tirassem os diabos, mas o *Jubileu de Amores*, *Aderência do Paço* e *Vida do*

Paço foram incondicionalmente cortados e perderam-se para sempre.

A imprensa dava ainda então os seus primeiros passos e é quasi certo que êsses Autos não foram publicados separadamente.

Quando a imprensa consegue divulgar produções literárias ou científicas, as censuras tardias são quasi inúteis; há sempre exemplares que se salvam. E, por fim, os censores passam e as obras ficam.

O *Auto dos Físicos* foi também condenado ao desaparecimento, mas não se sabe por que razão foi publicado na Compilação das Obras de Gil Vicente de 1562, a-pesar-da proibição de D. Henrique e de seu acólito, Frei Jerónimo de Azambuja. Dos quatro Autos incondicionalmente condenados, só êste se salvou. O *Auto da Lusitania* também passou à posteridade e com os diabos que a censura mandara decapitar. ¿Houve reflexão? ¿Foi menos atentamente revisto o original que os filhos de Gil Vicente, Paula Vicente e Luís Vicente, levaram à Mesa Censória dessa época? ¿Houve a intervenção da Infanta D. Maria, amiga dedicada de Paula Vicente? Apenas sabemos que o Auto viu a luz da publicidade com êste saboroso titulo: «Segue-se a farça chamada *Auto dos Físicos*, na qual se tratam huns graciosos amores de hum clérigo».

Há certas contradições entre o espírito da época e as prerrogativas do teatro vicentino que não é fácil compreender. D. João III, o introdutor da Inquisição

em Portugal, «não só tolerava, - diz um historiador - mas ria-se dos ataques que a lépida musa de Gil Vicente fazia contra uma classe que completamente o dominou».

Em muitos dos Autos vêm, com efeito, as mais fortes diatribes contra o clero, desde o simples sacerdote até à mais elevada dignidade da Igreja, o Papa.

Para os médicos, foi Gil Vicente mais condescendente. Valeu talvez aos físicos da época o não acumularem funções sacerdotais, como sucedia nos séculos anteriores, de que é exemplo bem demonstrativo a alta figura do nosso glorioso Petrus Lusitanus, o Papa João XXI, tão esquecido em Portugal que nem sequer as nossas edilidades inscreveram ainda o seu nome numa das ruas da cidade, ao menos para que êle fôsse divulgado entre o povo português, avaro das grandes glórias do passado.

No *Auto dos Físicos* apenas um dos médicos tem o título de físico; os outros são chamados mestres, como eram denominados no século XVI.

Os quatro que aparecem no Auto de Gil Vicente eram físicos da Côrte e por isso foi possível a sua identificação. Aqueles que Molière amarfanhou com a sua sátira mordaz também eram médicos conhecidos da sua época. Nem um nem outro fez abstracções. Gil Vicente marcou êstes seus comparsas, de uma maneira inequívoca, pelos nomes em que não houve disfarce, pelas doutrinas e até pelos estribilhos. No serão em que o *Auto dos*

Físicos foi representado, por certo se divertiram os espectadores não só com o seguimento da farça, mas também com a atitude das vítimas que tiveram de assistir à representação.

Ao iniciar-se o Auto, entra o clérigo e diz a um moço:

Perico, vai tu ahora
A verme Blanca Denisa.
Saludamela de guisa,
Que sepa que es mi señora!
Y en despues diremos missa.

O moço resiste porque ainda lhe soam aos ouvidos as frases da rapariga, a quando da última diligência:

Disse-me ella terça feira:
- Se tu mais me dizes nada,
Dar-t'hei tanta bofetada,
Que não saibas a primeira.

Mas, sob a insistência do clérigo, sempre vai levar a carta, que a guapa Branca Denisa rasga e diz:

Inda esse doido perfia?
Olhai aquela fantasia
De clérigo excomungado!

Êste sofre um grande choque ao receber a nova
quási ultrajante que lhe traz o moço e cai
desfalecido:

Cúbreseme el corazon
Y la sangre se me hela;
Y pues no hay quien se duela
De mi triste perdición...

Socorre-o primeiramente a sua comadre Brásia
Dias, que lhe pergunta o que tem,

Es la muerte por más cierto

e lhe receita as primeiras mèzinhas em que vibra
o cómico contundente do grande Gil:

Tomae um bom suadouro
De bosta de porco velho:
E com unto de coelho
Esfregue o pousadeiro.
E crede-me de conselho.

E se de quebranto for
Tomade o incenso bello,
E o çumo de marmelo,
E as favas de Guiné,
E untae o cotovelo.

E se for de cadarrão,
Comei caramujos quentes,
Como sahirem, ferventes;

E mexilhões vos coserão
Porque são aqui parentes.

O clérigo debate-se no maior dos desesperos pedindo a morte como único refrigério para a sua dôr:

O muerte, pues que es hermosa,
Porqué te pintam terrible?
Y pues eres conveniente,
Porqué te llamam furiosa?

É neste transe dramático que mestre Filipe acode pressuroso a ocupar-se da saúde do clérigo. Depois de ligeiros cumprimentos; entra logo a receitar:

Ora será bom que tomeis
Cristel de agua de cevada
Com farelos mesturada.
E sabeis que comereis?
Hũa alface esparregada.

Brásia Dias sai-lhe à estacada e opta por dieta farta; mas, em certa altura, mestre Filipe intervem:

Fazei o que vos eu digo,
Qu'essa febre he velhaca,
Procede de cardiaca.

Brásia Dias não concorda muito com tais prescrições, mas resigna-se a aceitá-las. A respeito de bebidas ousa perguntar a mestre Filipe:

E dar-lhe'hei eu puro o vinho?

Ao que o Mestre responde um pouco agastado:

Guarde-nos Deos de mal!
Não, senão agua tal...
Entendeis? - cosida com rosmaninho.
Entendeis? Não façais al.
Ora ficae-vos embora.
Entendeis? Eu terei cuidado,
E ponde-vos a bom recado.

Mestre Filipe sai e o clérigo, na intimidade de Brásia Dias e do moço, volta a insistir com êste para que vá de novo falar a Bianca Denisa:

Y dile que ponga en calma
La tormenta que me dá;
Que Satanás no podrá
Dar tanta pena á mi alma,
Como á mi vida ella dá.

E sôbre esta sentida tirada amorosa repousemos um pouco no desenrolar da farça para nos ocuparmos da pessoa de Mestre Filipe - o físico do «*Entendeis?*». Antes, porém, respiguemos um passo da *Ropica pnefna* do douto João de Barros sôbre a medicina da época:

«Por causa da medicina ouvi alguns livros de Aristoteles com a primeira e segunda parte do Avicena; e logo me dey á pratica, tomando primeiro esta. Se me achava entre médicos de linguagem

falava latim; e entre latinos, em grego, versos de Homero que trazia decorados; com que não ousavam de me responder, cuidando serem autoridades originais de Galeno ou Dioscorides.»

E a exposição segue mostrando como andavam amesquinhados os estudos médicos no século de quinhentos; em que a observação dos doentes era batida pela citação e jôgo de textos de autores consagrados.

Mestre Filipe houve a primeira, carta do dr. Mestre Rodrigo, confirmada em 1498 pela do Físico-mór Dr. Mestre António de Lucena. Por carta de 1510 é-lhe concedida licença para andar em mula.

Mais tarde, em 1518, segundo averiguou o douto académico Silva Carvalho, foi Mestre Filipe nomeado professor da nova cadeira de Astronomia, que foi criada nos Estudos de Lisboa, sendo a sua nomeação confirmada em 1523 por D. João III.

Segundo informa Maximiano Lemos, dava Mestre Filipe grande importância ao exame das urinas, ao tempo rudimentaríssimo e fantasioso, como se depreende de um tratado manuscrito «Das urinas e das XX cores dellas», que existe na Biblioteca de Évora.

Era prática geral; todos os médicos procuravam fazer diagnósticos sobre esta base. Diz o Cancioneiro de Rezende:

Como ell medico conoce
Per las aguas la dolencia.

A terapêutica de Mestre Filipe é simples: alface e rosmaninho, ambos citados por Dioscórides; e êste particularmente aconselhado nas doenças do peito.

E, fechado o comentário, voltemos ao Auto. Mal Mestre Filipe era saído entra Mestre Fernando, o que causa certa surpresa à comadre Brásia Dias, que lhe diz:

Vós soles solorgiam.

Ao que mestre Fernando retruque com certa razão, como daqui a pouco veremos, fazendo valer-se como físico, cotação superior à de cirurgião:

Eu também físico sam:
Tanto sei cá como lá.

E, depois de tirar o pulso ao doente, diz:

Isto procede dos rins,
Ou pulso cordiz será.

Pergunta pelas urinas, que não lhe foram presentes:

Pois sem isso quem saberá
Se he da chuva se do sol?
Dizem os nossos doutores
Ouvi-lo? Ouvis que vos digo? -
No es bona purgatio, amigo,

Illa qui incipit cum dolores,
Porque traz flema consigo.
E illa qui incipit trarantran,
Quia tranlarum est.
Ouvi-lo? De físico sam eu mestre,
Mais que de solorgiam.

Sôbre dieta, corno a comadre Brásia o informa
de que tem pasteis de lebre para confortar o
enfermo; Mestre Fernando determina:

Ora vos faço a saber
Que ha de comer cousa leve.
Nem a lebre, nem coelho,
Nem porco, nem cação,
Congro, lampreia, tubarão,
Não coma de meu conselho,
Inda que estivesse são.

E termina preceituando ao doente:

Huns poucos de grãos torrados.
Não sejam muito salgados.

Com a saída de Mestre Fernando, entra o moço a
dar más novas de Branca Denisa, que se mantém na
recusa e dirige ao clérigo sarcásticas censuras. Êste
continua na sua exaltação passional:

Veran como el alma se va,
E queda el cuerpo sin vida...
Y la vida ofrecida

A quien la muerte me da.
Y sea mui bien venida!
Verme han triste acabar,
Verme han el mundo dejar,
Tan contento de partir,
Como ellos de quedar.

Sousa Viterbo e, depois, Braancamp Freire conseguiram identificar Mestre Fernando. Era cristão-novo, físico do Marquês de Vila Real, primo de D. Manuel, com honras de físico e morador em Lisboa. Foi examinado em 1494 pelo dr. Mestre Rodrigo, que lhe deu carta de licença, confirmada em 1498. depois de aprovado pelo dr. Mestre António de Lucena, físico-mór. Obteve depois análoga carta para cirurgia livrada por Mestre Gil, físico e cirurgião-mór.

Em Dezembro de 1501, conseguiu carta de cidadão de Lisboa com isenção das tintas lançadas aos cristãos novos; e em Dezembro de 1507 foi intitulado doutor e mestre, com os privilégios, liberdades e mercês de que gosavam os Físicos da Casa Real.

Gil Vicente ridiculariza-o pelo estribilho *ouvi-lo*, pela sua ignorância do latim e por citar impertinentemente textos a esmo para mostrar o seu saber. E não esqueceu que mestre Fernando era dado a jogos de azar. Assim, faz-lhe dizer no Auto:

Ainda que pês aos dados.

Não era permitido aos físicos o entreterem-se com naipes; dados ou outros jogos de fortuna. Apenas era aconselhado o xadrez por «avivar o engenho e a memória» como mais tarde escreveu Jorge Henriques no *Retrato do médico perfeito*.

De jogos ao ar livre só era permitido o da «pelota», com pessoas graves e em lugar afastado, a fim de fazer um pouco de exercício.

Como isso vai distante da complicada trama dos desportos de hoje!...

Agora surge Mestre Anrique, que, depois do tomar o pulso, despede o seu diagnóstico:

Esta fiebre es sincopal,
Y la enfermedad tal.
Cura-se con mucho peso...
Habeis mirado ? – y disgusta
La salud de la sangria.
.....
Que tiene para comer?

O clérigo era de bom alimento e tinha a despesa bem provida. Assim, informa mais uma vez a comadre Brásia Dias em resposta a Mestre Anrique:

Tem ali quatro coelhos,
Dous caçapos e dous velhos;
E hum chouriço: pera beber
Muito bôs vinhos vermelhos.

Antes que a lista seguisse, atalhou formalizado
Mestre Anrique:

Par Dios! vos. .. habeis mirado?
Estais dañosa mi parienta...
Es fiebre continua e quenta.
Habeis mirado, y bien mirado?
Errada estais en la cuenta
Habeis mirado? No coma...
Habeis mirado, señora?
Sino pasas por ahora.
Y buscalde una redoma
Grande de agua de alcanfora.
Aquesto le procedió
De comer demasiado,
Y es menester purgado.
Habeis mirado? Y digo yo
Que este hombre está opilado.
El tiene fiebre podrida...
Habeis mirado? – efemera; –
Habeis mirado? – de manera
Que para dalle la vida,
Es menester que no muera.

Aborda em seguida a terapêutica, em forma en-
fática e redondeante:

Mantenga Dias el casamiento
Del Ruybarbo con aquella,
Muy preciosa doncella
Caña fístola; que yo siento
Que sereis sano con ella.

Y colcede unas borrajas,
Y su hierba de caldo caliente.

Livres do Físico, o moço, que tem estado atento
a tôdas as sentenças médicas, não se tem que não
diga:

Cant'eu não posso entender
Estes físicos, senhor!
Vós sois doente d'amor,
E elles querem-vos metter
Por caminho d'outra dor...

Diz Braancamp Freire: «Mestre Anrique, o do *Habeis mirado?*, aprendera muito tempo da ciência e arte de física e sabia muito bem curar; mas, não ousando de o fazer com receio da ordenação, pediu para ser examinado, como de feito foi, pelo dr. Mestre António de Lucena, físico-mór que o aprovou e lhe mandou passar carta de física em 27 de dezembro de 1497».

Mestre Anrique era também cirurgião. Havia 16 anos que fôra examinado pelo dr. Mestre Fernando, cirurgião-mór, tendo obtido carta de licença para curar da arte de «solorgia» e, como fôsse ordenado que todos os cirurgiões já examinados confirmassem as suas cartas, pediu novo exame. E foi mandado, a Mestre Gil, físico d'El-Rei e cirurgião-mor, para ver se era «suficiente e bastante». Foi aprovado e teve nova carta de cirurgia em 8 de Fevereiro de 1498.

No diagnóstico que faz Mestre Anrique do mal do clérigo amoroso, confunde febres variadas: aguda, sincopal, contínua e quente, pútrida e efêmera. Gil Vicente aproveita as contradições para efeitos cómicos.

As febres enumeradas constam de Galeno, com excepção da febre sincopal, que é apresentada por Avicena. Os físicos de quinhentos liam Hipócrates e Galeno, mas também conheciam os arabistas Avicena e Rasis.

Para Mestre Anrique, a doença, resultando de excessos de alimentação, acarretara opilação. Combate-a com purgantes e, por isso, entram em cena o ruibarbo e a cana fístula que, segundo informa Maximiano Lemos, já eram mencionadas no regimento de 1497.

A *cana fístula* era o nome então dado a uma leguminosa indiana., *Cassia fistula*, de que se aproveitava, como laxativo, a polpa do fruto. Ainda hoje é exportada da América e especialmente do Brasil (*Cassia grandis*). A borragem era aconselhada de acôrdo com as doutrinas de Laguna: «purgava o humor melancólico, fortificava a virtude vital e alegrava o ânimo aflito e atribulado.

A água de alcânfora, que Mestre Anrique mandava buscar, era panaceia para muitos e variados males, cujo valor terapêutico foi apregoado durante séculos.

É curioso notar que, já antes de Garcia de Orta, Amato Lusitano, nos seus *Comentarios a Dioscorides*, se refere à cânfora, dando-nos a

informação exacta de que os navegadores portugueses a traziam da ilha de Borneo. A cânfora tem uma história que se perde nas nossas primeiras aventuras da navegação a terras do Oriente. Digasse, de passagem, que a sua prescrição, no caso do Clérigo da Farça, não seria impugnada, sob certa fórmula, pelos clínicos de hoje...

Chega agora a vez ao Físico Torres, de todos talvez o mais cotado, e que, depois dos cumprimentos, pergunta:

Este mal he já de dias?

Informa o Clérigo:

Hoy haz diez dias que así estó.

Inquire o Físico Torres:

A que horas vos tomou?

Responde o doente:

Alli ã las avemarias,
E de mañana comenzó.

Daí tira o Físico bastas noções de que extraímos as que julgamos mais adequadas:

Dez dias, de manhan cedo,
Estava Saturno em Aries...
Doem-vos as pontas dos pés?

Bisexto he o ano agora,
Em Piscis estava Jupiter...
Saturno ha de desfazer
Quanto natura melhora.

Mercurio á hora primeira...
Não vejo causa nenhũa
Para febre verdadeira.

Não sei que he, nem que era;
Mas hade saber quem curar
Os passus que dá hũa estrella
E ha de sangrar por ella.

E quem isto não souber
Va-se beber disso mesmo.
E Mestre Nicolau quer,
E outros, curar a esmo!

E conclui dizendo ao doente:

Isto procede do baço,
Bem o mostram essas cores.
Tendes vós nas costas dores?

Nesta altura intervem o moço dizendo:

Pardeos, em grande embaraço
Vejo eu estes doutores...

E, em resposta a um remoque do Físico, acrescenta:

Está a doença em Bilbao,
Vós is p'ra Entre Douro e Minho.

O Licenciado Torres, a-pesar-de prêso à doutrina das relações astrais com a medicina, desce à dietética, como os seus anteriores colegas. Entrementos Brásia Dias continua a dar nota das ementas da casa:

Hontem lhe tinha guisadas
Hũas trincheiras de vaca,
Que esforço a pessoa fraca;
E duas morcellas assadas...
E elle fallou-me em Malaca.

Atalha o Físico com êstes prudentes conselhos:

Não coma senão lentilhas,...
Si, – ou abobora cosida...
Si; e assim Deus dará vida.
Si, e dem-lhe caldo de ervilhas.

Agua cosida lhe dareis
Com avenca...

Ocupa-se, a seguir, do prognóstico da doença, o que nenhum outro fizera:

Porem, a fallar verdade,
Segundo seu pulso está,
E segundo os dias que ha,
E segundo a viscosidade,
E segundo eu sinto cá,
E segundo está o zodiáco,
E segundo está retrográdo
Jupiter... confessado
Ha mister... que está mui fraco.

Os nossos cronistas da época dão notícia do Físico Torres. António Ribeiro dos Santos averiguou muito a seu respeito e Braancamp Freire completou a biografia do Físico do «Si» e do «*Segundo*». O licenciado Tomás de Torres era castelhano, «médico e astrologo, naquelle tempo, insigne». Foi êle quem ensinou ao príncipe D. João «a teoria dos planetas e algũas coisas faciles de astrologia», consoante informa Francisco de Andrade na sua «Cronica de D. João III.» Foi nomeado por D. Manuel, lente de Astrologia e Matemática na Universidade de Lisboa, onde permaneceu até à transferência desta para Coimbra.

Gil Vicente apresenta-o como Físico que dava a maior importância às indicações tiradas dos astros no tratamento dos doentes. Nêsses tempos, a sangria, e mesmo os purgantes, não deviam ministrar-se em certas conjunções dos astros. Gil Vicente ridiculariza as tendências astrológicas dos

médicos do seu tempo, o que revela a superioridade do seu espírito, sempre pronto a allear-se acima das credences correntes.

E brilhante prova dessa elevada orientação, a audácia com, que, em 1531, após o terramoto de Santarém, discursa na crasta do convento de S. Francisco, daquela cidade, contra os frades fanáticos que exortavam o povo ao massacre dos cristãos-novos, dizendo que outro terramoto viria, como castigo de Deus devido aos seus pecados e heresias. Gil Vicente vence-os pelo raciocínio. Condena corajosamente a crença das influências divinas na sucessão de fenómenos cósmicos e consegue, com os seus argumentos e com a sua eloquência, faceta até então inédita do seu talento, dominar as fúrias do povo, assoladas pela intolerância da época.. O impulso humanitário dêste homem superior salvou muitas vidas, evitou novos desvairios e fez despertar a justiça e a bondade obscurecidas pela ignorância e pelo fanatismo.

No arrasado do Físico Torres, há uma referência, por sinal pouco amável – ou não fôsse de Físico para Físico! – a Mestre Nicolau, que também era castelhano e médico da rainha D. Maria, segunda mulher d'El-Rei D. Manuel. Êste faleceu em 1525, segundo averiguou D. Carolina Michaelis.

Não pára o Auto na visita do quarto Físico. Segue ainda, mas não com a vinda de mais médicos, pois, para a troça do autor da Farça, chegavam os

ridículos anotados. Depois da visita de quatro físicos, só restava ao Clérigo enfermo o recurso do Frade-confessor que, aliás, o licenciado Torres lhe indicara. E, vendo-o, diz-lhe:

A llamar os envié;
Padre, padre confssion,
Porque me voy de passion...
De aqui á pouco moriré
De dolor del corazon.

Padre, digo à Dios mi culpa;
Que amo à una doncella,
Tan graciosa e tan bella,
Que su gracia me desculpa,
Aunque me muero por ella.
Y, padre, confieso más,
Que otra cosa no adoro.
Ay de mi, que me muero,
Y tu, señora quedarás
Satisfecha con mi lloro.

É tão funda a sua dor que os próprios sentimentos religiosos apenas lhe servem para mais exaltar a paixão amorosa:

Digo mi culpa, señor,
Que aunque me veo partir,
No me puedo arrepentir...
Porque es tão dulce el dolor
Que no me amarga el morir.

Gil Vicente apresenta um confessor excessivamente tolerante:

No mereces penitencia
Por ser namorado, nó,
Porque Dios lo ordenó;
Mas antes mala conciencia
Es de aquel que nunca amó!

E, a seguir, despede êste comentário:

Eva no era aun casada,
Quando por Dios fue mandado
Que la muger fosse amada.

E termina desta maneira, antes dos cantores pôrem remate à festa com trovas apropriadas:

Sobre vós pongo la mano,
Como diz el evangelio,
Y haced quenta que sois sano.
Voyme à la huerta de amores
Y traeré une ensalada
Por Gil Vicente guisada.
Y diz que otra de mas flores
Para Pascoa tien sembrada.

E com o anúncio de nova Farça e de novo serão, mais algumas palavras de ligeiro comentário a propósito de Gil Vicente e do meio em que se representou o *Auto dos Físicos*, que Braancamp

Freire comparou às nossas antigas revistas do ano, com personagens da vida real em cena.

No tempo de D. Manuel, não havia na Europa côrte que pudesse vencer a portuguesa em fausto e opulência. Nos Paços da Ribeira, de Evora, de Sintra, de Almeirim, por todas as magníficas residências dos Reis de Portugal, se juntava uma luzida assembleia de nobres donas e altos personagens da aristocracia e do clero. Muitos fidalgos eram poetas, mas outros acorriam, como Gil Vicente, levando apenas por braço o seu estro e o seu valor. Ali se reuniam os mais cotados sábios do tempo e os pintores e architectos que D. Manuel mandava estudar a Roma. Sobrelevando à nobresa dos títulos e da ascendência heráldica, estavam os aristocratas do espírito.

Francisco Sá de Miranda, lembrando essas atraentes reuniões palacianas, não esquece as amenas conversações, eruditas e pródigas de espírito, associadas a furtivos galanteios e às trovas com que as gentis damas animavam estas festas. Ainda vivia a rainha D. Leonor, irmã de D. Manuel e viuva de D. João II. Não era indiferente às representações dos Autos de Gil Vicente; mas, por vezes, aproveitava essas noites de folgar para, um pouco afastada do bulício, trocar impressões com Frei Miguel de Contreiras, cujas virtudes todos celebram, sobre fundações pias entre as quais

avultam as Misericórdias, máximo padrão de glória da piedosa Rainha.

Animavam as festas as princesas D. Izabel e D. Beatriz, filhas do rei D. Manuel e da rainha D. Maria de Castela. A suave formosura de D. Izabel, assinalada por cronistas da época, encantou Carlos V, que com ela casou. D. Beatriz, a linda princesa que inspirou a musa melancólica de Bernardim Ribeiro, veio a ser Duquesa de Saboia, mãe de Manuel Felisberto, o vencedor da batalha de S. Quintino.

António Carneiro, o notável ministro de El-Rei D. Manuel, pouco recordado na história pátria, mas grande como Colbert na França de Luís XIV, não faltava aos serões palacianos, compensando a perda de tempo nos afazeres do Estado, com o prazer de apreciar o génio de Gil Vicente, quer se curvasse em cortesarias dizendo:

Madama Dona Maria
Irá sôbre cherubins
N'hũa roupa d'alegria...
Por aia Santa Luzia,
E por guardas Seraphins!

quer infligisse castigo à vida do côrte,
comentando:

A tormenta da má vida
Que eu levo neste Paço!
Sabes que conta lhe faço?

Que vou n'hũa nao perdida,
Rota pelo espinhaço.

Apareciam nos serões o Físico-mór do Reino, o Cirurgião-mór e os Físicos do Paço, que se espalhavam pelos grupos, citando a miude os textos latinos que andavam sempre na memória.

Também ali vinham algumas vezes os artistas João de Castilho, Tomé Velho, o italiano Boutaca e outros que deixaram os seus nomes ligados ás prodigiosas obras de arte, joias em pedra de finíssimo lavrado, espalhadas pelas basílicas de Belem, e da Batalha, Igreja de Santa Cruz de Coimbra, Convento de Cristo de Tomar e tantas outras maravilhas dos cinzeladores do gótico nacional, em que as ogivas apontam o azul, e que D. Manuel pròdigamente espalhou pelo País – expressão máxima do nosso património architectónico.

Foi neste meio, de elevada elegância e requintada cultura, que Gil Vicente fez representar as suas farças e tão alto subiu sua fama que se espalhou pela Europa. Mais do que isso, Gil Vicente rasgou novas perspectivas ao teatro, que se tonificou definitivamente com o sôpro vivificador de uma inspiração jovial, vinda do povo, perfumada de termos e frases por êle consagradas.

Após a morte de D. Manuel, transformou-se a vida do Paço e da política portuguesa; mas Gil Vi-

cente continuou ainda por bastante tempo a representar e a fazer representar o seu teatro nos serões palacianos que, contudo, se iam pouco a pouco definindo de esplendor e de interesse.

Foi nos serões desta época que se teceu uma tendenciosa intriga em torno do nome do poeta. O advento da Renascença favorecia os que se sentiam diminuídos pela inspiração cintilante e prolífica de Gil Vicente. Os fidalgos, os clérigos e quiçá outros poetas não viam com bons olhos elevar-se no conceito do Rei D. João III quem tão desassombrada e irreverentemente tratava uns e desdenhava de outros. A maledicência criou vulto, afirmando-se em pequenos conciliábulos que o «Autor furtava de outros o que representava».

A acusação foi-se espalhando. Gil Vicente, ao ter conhecimento da cilada, arremeteu contra ela, pedindo tema para nova Farça. Deram-lho com intenção desprimorosa e provocadora: *Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube*. Não tardou que fôsse representada a «Farça de Inez Pereira» no Convento de Tomar, era do Senhor de 1523, resposta graciosa ao tema dos fidalgos. Conclui a protagonista em versos que soam como clarins ao toque da alvorada:

Quero tomar por esposo
Quem se tenha por ditoso
De cada vez que me veja;
Por usar de siso mero,
Asno que me leve quero,

E não cavalo folão;
Antes lebre que leão,
Antes lavrador que Nero!

Assim arredou Gil Vicente de seu caminho aqueles que blasfemavam da sua obra e dos seus talentos.

Em 1581 começou o poeta a queixar-se de seus males. Em carta dirigida a El-Rei D. João III. sobre a atitude que tomou no convento de S. Francisco de Santarem, escrevia: «assi vizinho da morte como estou».

Contudo, a sua última composição literária é de 1536; e só veio a falecer no ano imediato, 1537, há 400 anos.

É interessante consignar que D. João III concedeu maiores mercês a Gil Vicente do que El-Rei D. Manuel, seu pai. Mas nenhum dos dois monarcas a quem Gil Vicente representou as suas Farças, lhe deu título que o nobilitasse e, assim, não passou de... um Gil...

Um que não tem nem ceitel,
Que faz os aitos a El-rei.

Como Gil Vicente castigou rudemente os desmandos do clero do seu tempo, tem se dito que

êle era um sectário das doutrinas luteranas. Não é exacto. Gil Vicente foi, segundo se diz, um admirador de Erasmo, notável humanista que criticava os teólogos dos dois partidos em luta. O aprêço em que o grande comediógrafo teria o autor do «Elogio da loucura» não importava mudança de crenças.

O criador do teatro português escreveu páginas em que vibra o seu sentimento religioso. Uma parte da sua obra é dedicada a assuntos de devoção. O *Auto da Alma*, o *Auto do Velho da Horta*, que se inicia por um precioso *Pater Noster* comentado, a *Trilogia das Barcas*, etc., marcam bem a sua personalidade de católico sincero. Citaremos, para o corroborar, os versos que Lopes Vieira fez ressuscitar numa representação vicentina, em 1912, e que denominou, com justesa, a *Ave Maria de Gil Vicente*:

Oh! Deus te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos pecadores abrigo.
Goza-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é contigo.

Nesta longa exposição, em que só tenho a desculpar-me as citações do poeta, um dos maiores estros do nosso património literário, e o ter vindo

aqui por solicitação amiga, mas expressa, do ilustre Presidente da nossa Academia, procurei focar a parte médica na obra de Gil Vicente.

E neste final de palestra vai toda a minha simpatia para os Físicos que praticavam no Paço no século XVI: Mestre Filipe, Mestre Fernando, Mestre Anrique e o Físico Torres. E já que Gil Vicente os não reuniu em conclave, juntêmo-los nós para mostrar que estão de acordo numa das suas mais importantes prescrições: a dieta do doente. E estarem de acordo quatro médicos sobre uma indicação terapêutica é coisa rara em todas as épocas!

O clérigo erotómano é, por todos, reduzido a uma alimentação vegetal, mais ou menos condimentada de grão e de lentilhas, é certo, mas simples e oposta à daquelas substanciosas vitualhas com que a comadre Brásia Dias o queria regalar. As teorias eram diversas, os latins nem sempre primavam pela correção, as citações dos grandes Mestres da Medicina Grega e Árabe, que dominaram séculos, nem sempre foram precisas, mas o bom senso clínico destes médicos de quinhentos encaminhou-os para o mesmo resultado: reduzir o doente a uma alimentação frugal. Os médicos de hoje, para quem a dietética representa, de novo, uma das grandes alavancas da terapêutica, seguem na pegada dos Físicos de antanho. Confraternizemos com eles aguardando a nossa hora de crítica póstuma.

Daqui a séculos, o que não dirão os vindouros da medicina de hoje! Quantas vezes sorrimos das prescrições dos antepassados desta desavinda família médica, sem nos lembrarmos dos sarcasmos que mais tarde cairão sobre nós!

Físicos de outrora! Vejo-vos com vossa loba preta, que vos dá gravidade e compostura, com vossa murça amarela de delicado recorte, com vosso mantéu enrocado das noites solenes dos serões do Paço!

Licenciado Torres, professor e Físico, dissei ao médico de hoje os versos que embalam o último sono do grande Gil Vicente e que marcam a vossa e a nossa sorte perante o progresso iconoclasta da ciência:

Perguntas-me quem fui eu?
Atenta bem para mi...
Porque tal fui coma ti,
E tal has de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem,
O lector, de meu conselho!
Toma-me por teu espelho...
Olha-me. . . e olha-te bem...

**Composto e Impresso na
IMPrensa MÉDICA
Calçada do Moinho de
Vento, 10 – A – Lisboa**